

Descaso faz Valéria buscar emancipação

Cresce sentimento separatista

De tanto desprezo, os moradores de Valéria estão reagindo como qualquer pessoa nessa situação: querem a separação. "Valéria é um bairro fora do centro, e tudo que acontece lá nunca chega aqui", diz Júlio César Pereira. Ele ressalta que a maioria das obras feitas no bairro é de iniciativa do Estado e não do município. Um exemplo, diz, é o Bahia Azul, que nunca chegou até Valéria e, segundo foi informado por políticos, não há sequer previsão de que isso venha a ocorrer.

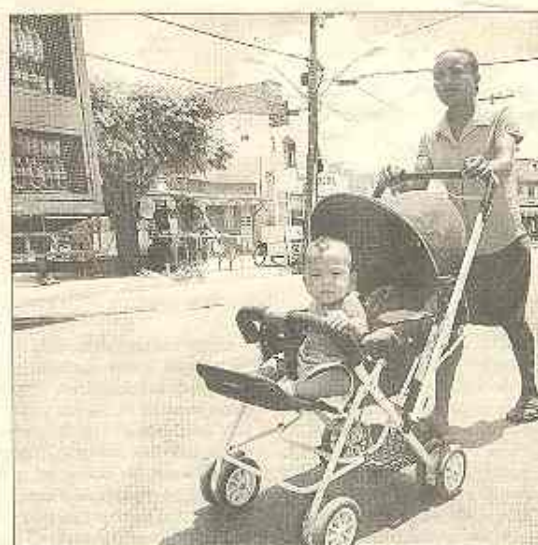
Os planos de emancipação resultam desse sentimento de abandono. Júlio Pereira lembra que Valéria não tem apenas uma grande população — cerca de 60 mil habitantes —, mas também uma expressiva arrecadação, graças às várias empresas sediadas no bairro, como Renner, Leão do Norte, Promudal, Ortohom, Usiba, além de um grande número de transportadoras e de duas pedreiras. "Dizem que nós temos quase 22% da arrecadação do Estado. Se nos separarmos, poderemos crescer e conquistar nossos direitos, que Salvador não nos dá", afirma Pereira.

O jurista e professor da Universidade Federal da Bahia, especialista em Direito Constitucional, Marcelo Duarte, acredita que esta é uma pretensão difícil de se consolidar. Explica que atualmente, há uma tendência de se diminuir o número de emancipações, e mesmo assim, para que ocorra é necessário

que a Assembleia Legislativa autorize a realização de um plebiscito, consultando todo o município e não apenas o distrito que deseja a emancipação. Duarte, ressalta, no entanto, que no caso do recém-criado município de Luís Eduardo Magalhães, isto não foi respeitado. O plebiscito ocorreu só no distrito de Mimoso do Oeste, pertencente ao município de Barreiras.

Para o jurista, apesar de a proposta ser difícil de passar, os moradores de Valéria devem lutar por seus direitos, elegendo

políticos identificados com os anseios da comunidade. Com relação à força política do bairro, Júlio Pereira lembra que até nisso Salvador é cruel com o bairro. "O Tribunal Regional Eleitoral nos traiu, porque dividiu os 25 mil eleitores que possuímos em três zonas bem distintas uma das outras: a 10ª, a 8ª e a 17ª; de modo que é muito difícil centralizarmos a nossa capacidade política", denuncia o tesoureiro Manoel Santos, que é eleitor de Valéria há mais de 25 anos e só vota na 8ª zona, em Águas Claras."



Deficiência do serviço de saúde afeta as crianças do bairro

CARÊNCIAS Bairro reclama atenção em saúde, transporte e segurança

JOSÉ ARAÚJO NETO

Valéria vive o drama dos distritos distantes do centro de interesse da capital. Longe de todos e de tudo, os seus mais de 60 mil moradores ficam entregues à própria sorte, sem ter para quem apelar. A situação isolacionista é tão grave, que um grupo de moradores está orquestrando uma "independência" para o bairro, na tentativa de emancipação. A questão é polêmica, mas especialistas indicam que é praticamente impossível.

Localizado a 13 km de distância do centro de Salvador, via BR-324, o bairro de Valéria foi povoado principalmente por motoristas e trabalhadores da construção civil, a partir do final da década de 60. No início, os problemas eram contornados pela própria vontade dos moradores, haja vista que o desemprego e a fome não eram ainda tão presentes na comunidade. Agora, no entanto, além desses flagelos a população enfrenta uma precária rede de transporte, um quase inexistente sistema de saúde e total falta de segurança.

Pelas ruas do bairro dá para se sentir o resultado do esquecimento do poder municipal. Com exceção de duas ruas, a da Matriz e a da Estação, todas as outras não são pavimentadas. Entretanto, segundo Júlio César Pereira, presidente da "Sociedade Beneficente Recreativa Valéria Pede Socorro", quase todas constam como asfaltadas na prefeitura.

O desconhecimento entre realidade e informação oficial pode ser comprovado no cartaz do governo federal instalado na Rua Paulo Gonçalves, sob a chancela da Caixa Econômica Federal (CEF), em que se lê: "Drenagem, pavimentação e obras complementares da Rua Paulo Gonçalves - Valéria. Valor: R\$ 267mil conclusão: dez/2000". Três meses após o prazo de conclusão, nenhuma obra foi sequer iniciada na rua. De acordo com Antônio Manoel dos Santos, proprietário de um bar e tesoureiro da sociedade, um vereador — cujo nome não quis revelar — lhe confidenciou que o dinheiro já foi liberado. "Assim como esta rua, muitas outras receberam verbas federais e nunca obtiveram nenhum benefício".

Piorou

Até bem pouco tempo, os moradores viviam como se estivessem em outro município, pois quando precisavam prestar queixa recorriam à 8ª DP, per-



tencente a Simões Filho. Os problemas de saúde eram levados ao posto médico local, fundado e mantido pelos Monges Capuchinhos. Com as mudanças na Constituição e o fortalecimento da municipalização, a situação mudou, mas para pior: o posto foi entregue à prefeitura e quase todas as especialidades médicas, mantidas na época dos religiosos, acabaram.

"Depois que a prefeitura assumiu o posto, nós, moradores, estamos comendo o pão que o diabo amassou", afirma Manoel Santos, informando que o laboratório, que fazia quase todas as análises, fechou e o quadro de especialistas foi reduzido. "Na época dos capuchinhos havia um clínico geral e um pediatra todos os dias da semana. Agora há apenas um clínico, às terças-feiras", diz ele, que pertence à minoria com condições de usar os serviços de uma das várias clínicas particulares existentes no bairro, às quais só 10% da população tem acesso.

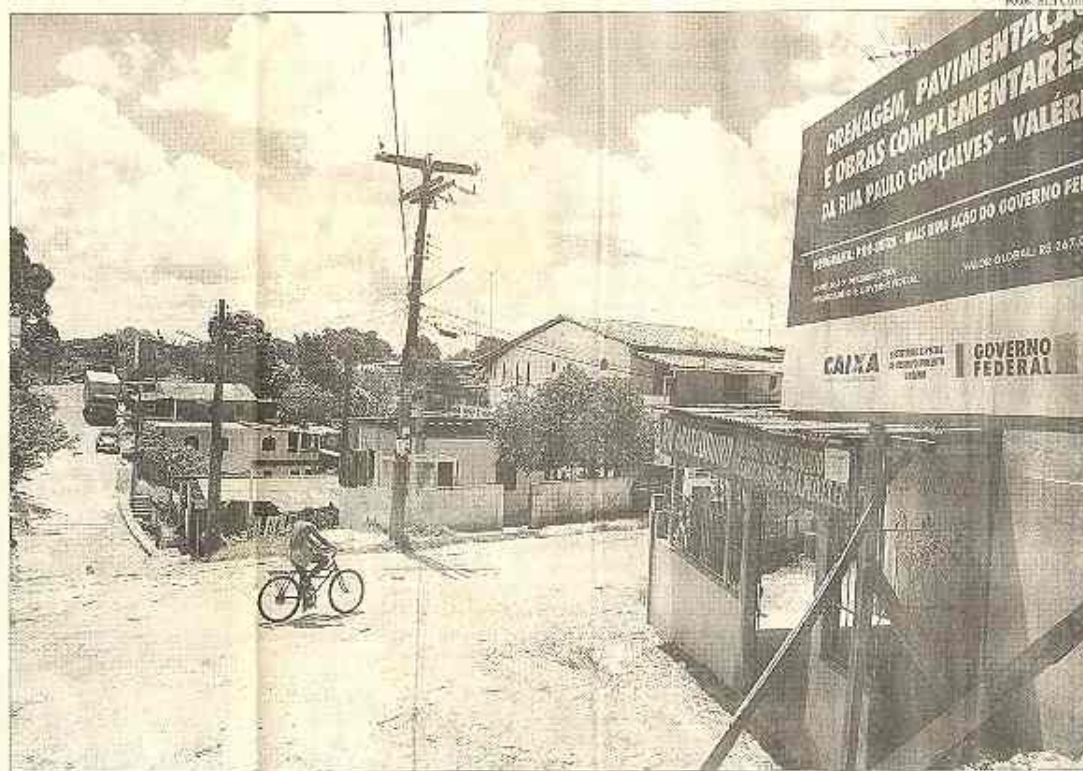
"Até a ambulância, doada pela prefeita Lidice da Matta, foi retirada de nós, com a desculpa que iriam colocá-la à disposição da Central de Ambulâncias.

Mas quando alguém daqui liga para Salvador solicitando ajuda, pode esperar sentado ou deitado porque nunca aparece", afirma uma moradora, que não quis se identificar porque é funcionária pública. Ela conhece de perto a situação do posto e diz que os casos de tuberculose estão aumentando em Valéria, onde há também três pacientes soropositivos notificados e 12 suspeitos.

A segurança é outro setor que só tem piorado com o tempo. Atualmente, há um módulo no centro do bairro, porém, segundo os moradores, tem apenas um soldado da PM de plantão. "O outro fica de plantão em frente à Cesta do Povo,

mas vai embora depois que a loja fecha", diz Manoel Santos, que ontem tinha vários policiais alojando em seu bar. Ele explica: "É que hoje há uma ambulância das Voluntárias Sociais, aqui, fazendo um trabalho, mas depois que ela sai, todo mundo vai embora na mesma hora".

A delegada titular da 8ª DP, Lígia Costa, contudo, foi elogiada pelos moradores. "Pela primeira vez, uma delegada nos procurou para perguntar sobre os nossos maiores problemas", comenta Santos, ressaltando, porém, que a delegacia é vinculada a Simões Filho e não a Salvador. Os agentes da 8ª DP comentaram que estão fazendo um serviço de prevenção, principalmente nas invasões da Bolachinha e da Boca da Mata, onde acontece a maioria das ocorrências.



Obras que não chegam a sair da prancheta concorrem para aumentar o descontentamento entre os moradores de Valéria

ONDE FICA



Editoria de Arte: A TARDE